

Área Temática 23:

Morfologia

A derivação em (re)vista: uma abordagem cautelosa para o ensino de derivação no ensino médio

Autores: Felipe da Silva Vital ¹

Instituição: ¹ UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro

Resumo: O projeto de pesquisa, no geral, consiste em uma análise da maneira como é guiado o ensino de morfologia de Língua portuguesa, com base em gramáticas tradicionais (ROCHA LIMA, 1972; BECHARA, 2000) e livros didáticos aprovados no PNLD (ABAURRE, 2008; CEREJA & MAGALHÃES; RAMOS, 2013. Baseado em Vivas et alii. (2015; 2016), mapeamos o que consideramos relevante na maneira como a disciplina é ensinada, reconhecendo acertos e tentando corrigir os desvios da análise da estrutura da palavra. Neste sentido, esta apresentação toma e retoma o fenômeno da derivação, a fim de ilustrar questões teóricas abordadas e praticadas no âmbito escolar. Dos pontos, aplicados à derivação, em que a tradição gramatical denota, destacam-se (a) tradicionalismo, (b) falta de hierarquia entre os critérios e (c) língua como organismo estático. Estes pontos serão desenvolvidos na tentativa que este recorte de pesquisa se presta a fazer acerca do fenômeno da derivação. Com isso, tentaremos reapresentar as categorias elementares da derivação (afixos e radical) e seus sub-processos (os tipos de derivação) à luz da teoria linguística moderna, com base em Basso & Oliveira (2012), com a intenção de refletir sobre o modus operandi do ensino de linguística no âmbito das escolas. Além disso, respeitamos o conhecimento prévio dos alunos sobre sua língua. De maneira a articularmos a maneira de planejarmos as atividades aqui propostas, nos baseamos em Franchi (2006), e, para melhor aprofundamento do objeto aqui trabalhado e suas percepções mais científicas nos baseamos em Gonçalves (2016) e Basílio (1998).

Palavras-chave: morfologia, ensino, derivação, linguística teórica, tradição gramatical

Aspectos morfológicos e toponímia: representações morfo-lexicais dos nomes dos povoados de Palmeira dos Índios/AL

Autores: Max Silva da Rocha ¹, Marcos Apolinário Barros ¹

Instituição: ¹ UNEAL - Universidade Estadual de Alagoas

Resumo: O presente estudo objetiva em linhas gerais fazer uma discussão das origens línguo-culturais e os processos morfo-lexicais dos nomes oficiais atribuídos aos povoados pertencentes à cidade de Palmeira dos Índios, no Estado de Alagoas. E ainda, apresentar uma análise toponomástica, em perspectiva sincrônica, sem prejuízo das considerações diacrônicas pertinentes ao estudo. Trata-se de uma pesquisa no campo da Toponímia, subárea da Onomástica, vinculado à Linguística. Desse modo, filia-se à área dos estudos de Descrição Linguística, mais precisamente à Morfologia em interface com a Toponímia. Após as análises dos dados coletados, atestou-se a ocorrência de taxas toponímicas, tanto de natureza física como de natureza antropocultural, relacionadas às motivações destes nomes próprios na função toponomástica. Quanto à etimologia e às estruturas lexicais dos topônimos, registrou-se a presença de elementos específicos simples, específicos compostos e compostos híbridos. Sendo os topônimos específicos compostos de étimos latinos, os quais foram mais recorrentes. E ainda, identificou-se que a religiosidade e as características da constituição mineral do solo da região da cidade Palmeira dos Índios/AL, na qual o signo toponímico, em processo denominativo, está inserido foram os fatores sócio-históricos condicionantes mais relevantes nas escolhas lexicais dos nomes dos aglomerados rurais constitutivos desse município do Agreste de Alagoas.

Palavras-chave: linguística, léxico, toponímia de palmeira dos índios

Estatividade e morfologia de progressivo: um estudo a partir da aquisição do português do Brasil (PB)

Autores: Ana Luiza Oliveira Mota², Adriana Leitão Martins², Adriana Tavares Maurício Lessa¹, Patrícia Afonso Lima Guimarães²
Instituição: ¹ UFRRJ - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, ² UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro

Resumo: Aspecto são as diferentes maneiras de se visualizar a composição temporal interna de uma situação (COMRIE, 1976). Essa noção pode ser veiculada pela morfologia verbal (aspecto gramatical) ou pela semântica interna dos verbos e dos itens lexicais (aspecto semântico). Um dos aspectos gramaticais básicos é o imperfectivo, que pode ser habitual ou contínuo. O imperfectivo contínuo refere-se a uma situação em andamento e pode ser expresso por meio de uma morfologia progressiva (“Joana está comendo maçã”) ou não progressiva (“Joana come uma maçã agora”). Sobre o aspecto semântico, Vendler (1967) postula quatro categorias verbais: atividades, processos culminados, culminações e estados. Segundo Comrie, há uma incompatibilidade entre os estados e a morfologia progressiva, pois tal combinação envolve uma contradição interna entre a estatividade do verbo e a não estatividade essencial do progressivo. Todavia, essa combinação é aceitável inclusive no PB. O objetivo geral deste estudo é contribuir para a classificação dos tipos de verbo, em especial os estados, a partir da análise da emergência do imperfectivo contínuo na aquisição do PB. Pretende-se, nos diferentes tipos de verbo, investigar a aquisição do imperfectivo contínuo por meio das morfologias progressiva e não progressiva e avaliar a pertinência da classificação de determinados verbos como estados a partir dessas emergências. A hipótese é a de que a expressão do imperfectivo contínuo por meio da morfologia progressiva ocorre após a emergência da expressão desse aspecto por meio da morfologia não progressiva com todos os tipos de verbo. A metodologia consiste em um estudo longitudinal de dados de fala espontânea de uma criança, coletado entre dois anos e três meses e dois anos e oito meses. Verificou-se que a expressão do imperfectivo contínuo por meio da morfologia não progressiva precede a expressão desse aspecto por meio da morfologia progressiva apenas nos estados. Logo, a hipótese foi refutada.

Palavras-chave: aquisição de linguagem, estatividade, morfologia de progressivo

O ensino de morfologia: reflexões sobre e proposições para o tratamento de processos marginais de formação de palavras no ensino médio

Autores: Wallace Bezerra de Carvalho¹
Instituição: ¹ UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro

Resumo: Não raro, o ensino de Morfologia da Língua Portuguesa é voltado basicamente para processos derivativos de características afixais, processos composicionais, e, quando muito, processos flexionais (que não deixam de ser tratados; porém, quando o são, é de maneira extremamente superficial, somente expondo, por diversas vezes, que são processos formados por concatenação de desinências, sem que, ao menos, essas sejam definidas propriamente). Tal tratamento pode resultar em uma série de problemas. Dentro dessa perspectiva, notamos um claro movimento de não valorização a processos não concatenativos (e.g., Cruzamentos Vocabulares (*Paitrocínio; Caipifruta*), Truncamentos (*Odonto; Delega; Refri*) e Substituições Sublexicais (*Boadrasta; Bebemorar*). Por esse motivo, tais processos são batizados, inclusive, de Processos Marginais na Literatura Morfológica (GONÇALVES, 2006). Tal situação se deve à cultura de Ensino estritamente baseada na tradição gramatical, além do que podemos chamar ‘tradição pedagógica’, além de reflexos da Teoria Estruturalista para a linguística. Pretendemos, através deste estudo, oferecer estratégias para o ensino de Processos Marginais dentro da Escola. Para tanto, analisamos como o objeto deste estudo é descrito em Gramáticas Tradicionais e Livros Didáticos, e, após isso, buscamos oferecer maneiras que permitam a educação mais voltada para a ciência, baseados em Basso & Oliveira (2012). Além disso, respeitamos o conhecimento prévio dos alunos sobre sua língua. De maneira a articularmos a maneira de planejarmos as atividades aqui propostas, nos baseamos em Franchi (2006), e, para melhor aprofundamento do objeto aqui trabalhado e suas percepções

mais científicas nos baseamos em Gonçalves (2016) e Basílio (1998). Desse modo, neste trabalho, orientado por Vítor de Moura Vivas, professor do IFRJ, objetivamos, além de apresentarmos como Processos marginais são trabalhados no Ensino, especificamente o Ensino Médio, descrevermos novas maneiras de trabalharmos tais fenômenos, além de oferecermos recursos à forma como podem ser trabalhados.

Palavras-chave: morfologia, processos marginais, ensino de gramática

O ensino de morfologia: reflexões e propostas para o ensino da composição em formação de palavras no ensino médio

Autores: Tiago Vieira de Souza ¹

Instituição: ¹ UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro

Resumo: Tendo em vista que o ensino de Morfologia da Língua Portuguesa no ensino médio é embasado em um grande tradicionalismo vindo das gramáticas e livros didáticos, buscamos propor um ensino diferenciado em que a língua portuguesa seja entendida como objeto de estudo em uma perspectiva mais científica como vemos em Basso & Oliveira (2012). Neste contexto, a composição como processo de formação lexical é apresentada diferentemente do que a tradição faz. Em outras palavras, apresentamos a composição não só como um processo formativo oriundo da união de dois ou mais radicais. Sendo assim, trabalhamos a composição sob uma perspectiva semântica assim como visto em SANDMANN (1992). Baseado nisto, tais construções podem ser referidas como endocêntricas ou exocêntricas de acordo com o pensamento bloomfieldiano. Desse modo, as primeiras representariam compostos que possuem palavras cujo referente está diretamente identificável em seus componentes e as segundas seriam as que têm seu referente identificável através de processos metafóricos ou metonímicos. Desta maneira, buscamos apresentar que é possível, através da metáfora e metonímia, explorar semanticamente as palavras compostas e buscar as motivações para tais formativos. Outro aspecto que notamos ser importante no ensino de morfologia é, sobretudo na composição, o nível textual. Portanto, com nossa proposta, defendemos a hipótese de que a composição pode apresentar finalidades discursivas de acordo com diferentes gêneros textuais como, por exemplo, nomear e descrever, união rápida de domínios diferentes e estratégia de retomada. Para tanto, buscamos oferecer maneiras de demonstrar como a composição pode ser ensinada a fim de articular o conhecimento prévio que os próprios alunos possuem sobre a língua. Nesta perspectiva, embasamo-nos em Franchi (2006) e, portanto, apresentamos novas maneiras de trabalharmos o processo da composição em sala de aula, além de fornecermos recursos à forma como podem ser abordados.

Palavras-chave: composição, ensino de gramática, morfologia

O pejorativo sufixal: analisando a contribuição semântica dos sufixos –ão, –eiro, –ice, –ento, –udo e –aria

Autores: Caroline da Silva Oliveira ¹

Instituição: ¹ UNIFESP - Universidade Federal de São Paulo

Resumo: O objetivo desta pesquisa é analisar a pejoratividade na derivação sufixal, tomando como base sufixos como: *chorão*, *farofeiro*, *burrice*, *pirracento*, *cabeçudo*, *putaiada*, *bruxaria*, entre outros. Entre as questões norteadoras da pesquisa estão: há uma parcela de significado nos sufixos que pode influenciar nas formas derivadas resultantes? e, se sim, até que ponto esse significado pode definir uma formação como pejorativa? Coletamos um corpus de cerca de 290 palavras, através de variadas mídias e formas como textos orais e escritos, músicas, entrevistas, pesquisas no Google, conversas reais, etc., com o objetivo de analisar as formações pejorativas, como seu significado é estabelecido e em que momento se dá o acesso à pejoratividade. Para tanto, consideramos as relações entre semântica e sintaxe, refletindo não apenas sobre bases, afixos e produtos, mas atentamos para as relações estabelecidas entre eles, pois somente esses elementos em conjunto podem nos ajudar a estabelecer padrões derivacionais acerca da pejoratividade. Seguindo o modelo teórico da Morfologia Distribuída, nos propomos a investigar e descrever a interface sintático-semântica na qual as

formações pejorativas podem estar inseridas, tendo como conceito fundamental a intuição do falante e considerando a noção de fase (Cf. Marantz, 2007; Arad 2003), que propõe a negociação do significado de palavra por meio da primeira categorização de uma raiz. Assim, propomos uma análise sobre em que momento o significado pejorativo é fixado e como é acessado. A análise inicial do corpus mostra que alguns sufixos como -udo, -eiro e -ão tendem a contribuir para que a base não pejorativa adquira um significado pejorativo, o que nos sugere, a princípio, que alguns sufixos, possam contribuir para a pejoratividade. Para a MD, isso significa que tais sufixos devem ser anexados diretamente à raiz. Atualmente, estamos formulando testes para que tenhamos uma quantificação das observações e descrições realizadas preliminarmente.

Palavras-chave: pejoratividade, morfologia distribuída, morfologia avaliativa, sintaxe, semântica

Processos morfofonológicos e fonologia de geometria de traços: análise dos substantivos deverbais presentes nos jornais antigos

Autores: Gislene da Silva ^{1,1}, Daniel Soares da Costa ¹

Instituição: ¹ FCL/UNESP-Araraquara - Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", ² FCL/UNESP-Araraquara - Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho"

Resumo: Com este trabalho, buscamos apresentar os resultados obtidos com a execução do projeto de mestrado intitulado "Processos morfofonológicos desencadeados pelos sufixos -s/ção e -mento na formação de substantivos deverbais no Português de Araraquara/SP e Araxá/MG". Neste trabalho, apresentaremos a descrição do corpus utilizado, a metodologia, o aparato teórico, as análises à luz da Fonologia de Geometria de Traços e os resultados alcançados. Além disso, com a nossa pesquisa, buscamos contribuir para a ampliação dos estudos linguísticos e morfológicos. Para realizar este trabalho, selecionamos e fotografamos os jornais publicados durante a primeira metade do século XX (1901-1950) nas cidades de Araraquara/SP e Araxá/MG. A digitalização dos exemplares de jornais foi fundamental para a coleta dos substantivos deverbais e montagem do corpus. Depois de coletadas, as nossas ocorrências foram divididas de acordo com o sufixo, -s/ção e -mento, e de acordo com a conjugação do verbo da base (-ar, -er e -ir), para cada uma das cidades escolhidas: Araraquara/SP e Araxá/MG. Após a realização dessas etapas, passamos para a análise dos processos morfofonológicos encontrados em cada grupo de ocorrências, à luz da Fonologia de Geometria de Traços, descrevendo e analisando como esses processos alteram os substantivos deverbais, fazendo-os se distanciarem, morfológicamente, do verbo dos quais derivaram. Com as nossas análises, encontramos variados processos morfofonológicos presentes nas ocorrências coletadas. No entanto, o processo mais recorrente nos substantivos deverbais formados com o sufixo -s/ção é a haplologia (apagamento de uma sílaba), devido à presença do traço [+coronal] nas consoantes do sufixo formador e das sílabas apagadas, afetando principalmente os substantivos derivados de verbos da primeira conjugação. Por outro lado, nos substantivos formados com o sufixo -mento, o processo mais recorrente é o alteamento da vogal temática [e], passando a [i], fenômeno verificado em 100% dos substantivos formados a partir de verbos da segunda conjugação.

Palavras-chave: processos morfofonológicos, substantivos deverbais, sufixação, fonologia de geometria de traços

Verbos parassintéticos em des-X-ar no português brasileiro: contra a hipótese de circunfixação

Autores: Nilton Duarte Melo ¹

Instituição: ¹ UFJF - Universidade Federal de Juiz de Fora

Resumo: Este trabalho revisita a formação de verbos parassintéticos em des-X-ar no português brasileiro (PB), como em desossar, destronar, descascar, por exemplo. A parassíntese se caracteriza pela anexação simultânea de um sufixo e um prefixo a uma base, sendo que a ausência de algum desses elementos torna a construção agramatical (SAID ALI,

1966, CAMARA Jr., 1975; KEHDI, 2005; BASÍLIO, 2009). Uma das propostas para a representação das construções parassintéticas é a da circunfixação, em que o prefixo e o sufixo são considerados partes de um único afixo descontínuo (LOPES, 2003; SILVA e KOCH, 2005; HENRIQUES, 2007). A circunfixação daria conta de evitar uma ramificação ternária na representação da derivação desses verbos. A análise de circunfixação apresenta, no entanto, alguns problemas: (i) o elemento que antecede a base e o elemento que precede a base podem ser morfologicamente independentes um do outro, exercendo, funções sintáticas e semânticas distintas e (ii) há uma redundância de elementos que precisam ser armazenados, uma vez que o léxico de um falante teria como primitivos não só o prefixo des- e o sufixo -ar, mas também o circunfixo des-X-ar. Assumindo um viés sintático da formação de palavras (HALLE e MARANTZ, 1993; MARANTZ, 1997), desenvolvemos uma análise binária para as construções verbais parassintéticas, que rejeita, no entanto, a hipótese de circunfixação. Mais especificamente, baseados em Bassani (2013), propomos que o prefixo -des é bastante baixo na estrutura sintática, anexando-se diretamente à raiz e, portanto, antes da entrada do núcleo verbalizador. Assim, não pode haver o spell-out da construção contendo somente o prefixo, uma vez que nenhum núcleo cíclico estará presente na estrutura. Diferentemente de Bassani (2013), no entanto, propomos que a presença de um argumento interno nessas construções não está atrelada especificamente à presença de um núcleo sintático que aloja o prefixo, mas sim ao caráter verbal dessas formações.

Palavras-chave: parassíntese, circunfixação, estrutura argumental

Caderno de resumos do X Congresso Internacional da ABRALIN – Pesquisa linguística e compromisso político. / Organizadores: Anabel Medeiros de Azerêdo; Beatriz dos Santos Feres; Patrícia Ferreira Neves Ribeiro; Roberta Viegas Noronha; Silmara Dela Silva. Niterói: UFF, 2017. Disponível em: <<http://abralin.org/congresso2017/programacao-1?prog=simposios>>.